Revista Espaço Acadêmico - Nº 128 - Janeiro de 2012
Mensal - ANO XI - ISSN 1519-6186

Paulo Prado e Martínez Estrada: a tristeza como elemento definidor da brasilidade e da argentinidade

George Zeidan Araújo*

Resumo: O objetivo pretendido por este trabalho é realizar uma breve comparação entre a interpretação da realidade nacional na visão de dois autores: o brasileiro Paulo Prado e o argentino Ezequiel Martínez Estrada, a partir de considerações sobre as obras ensaísticas *Retrato do Brasil* (1928) e *Radiografia de la Pampa* (1933). Muito comum no começo do século XX, o ensaio é um gênero que hoje não goza de tanto prestígio no interior do meio acadêmico. Entretanto, uma grande quantidade de intelectuais latino-americanos daquele período, valeu-se desse tipo de obra para expressar suas ideias e somar-se aos debates que agitavam a vida cultural, artística e política de seus países.

Assim, apesar dos objetivos e metodologias diferentes, acreditamos que possam ser estabelecidos tanto contrapontos como semelhanças nas interpretações de Paulo Prado e de Ezequiel Martínez Estrada sobre o Brasil e os brasileiros e sobre a Argentina e os argentinos, respectivamente. Para tanto, tentaremos expor brevemente alguns dos argumentos dos autores sobre os principais temas contidos nas obras citadas que se relacionem ao tema da *tristeza*, que acreditamos dominar as reflexões de Paulo Prado e de Martínez Estrada no que diz respeito à *psique coletiva nacional.*

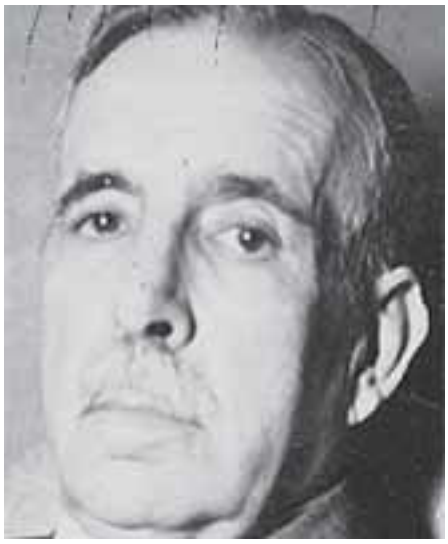
Palavras-chave: Historiografia; Literatura; Política; Paulo Prado; Martínez Estrada.

* **GEORGE ZEIDAN ARAÚJO** é Mestrando em História pela UFMG.

Introdução

O objetivo pretendido por este trabalho é realizar uma breve comparação entre a interpretação da realidade nacional na visão de dois autores: o brasileiro Paulo Prado e o argentino Ezequiel Martínez Estrada, a partir de considerações sobre as obras ensaísticas *Retrato do Brasil* (1928) e *Radiografía de la Pampa* (1933). Muito comum no começo do século XX, o ensaio é um gênero que hoje não goza de tanto prestígio no interior do meio acadêmico. Entretanto, uma grande quantidade de intelectuais latino-americanos daquele período, valeu-se desse tipo de obra para expressar suas ideias e somar-se aos debates que agitavam a vida cultural, artística e política de seus países.

Assim, apesar dos objetivos e metodologias diferentes, acreditamos que possam ser estabelecidos tanto contrapontos como semelhanças nas interpretações de Paulo Prado e de Ezequiel Martínez Estrada sobre o Brasil e os brasileiros e sobre a Argentina e os argentinos, respectivamente. Para tanto, tentaremos expor brevemente alguns dos argumentos dos autores sobre os principais temas contidos nas obras citadas que se relacionem ao tema da *tristeza*, que acreditamos dominar as reflexões de Paulo Prado e de Martínez Estrada no que diz respeito à *psique coletiva nacional.*



Paulo da Silva Prado (1869-1943)

Paulo Prado e seu *Retrato do Brasil*

O autor e o contexto da obra

Paulo Prado pertencia a uma família da aristocracia paulista e era um intelectual refinado, que participou ativamente da renovação da vida literária brasileira ocorrida no começo do século XX. Nos anos 1920, o Brasil passava por um período de rápidas e intensas transformações. A cultura, a política, a arte, a economia, a sociedade enfim, tinha muitos de seus pilares abalados. A Semana de Arte Moderna em 1922, juntamente com revistas e manifestos de intelectuais no campo artístico, além do movimento tenentista, da marcha da Coluna Prestes, da fundação do Partido Comunista e do Partido Republicano Paulista, da Criação do Bloco Operário Camponês para disputa das eleições legislativas em 1928, "são alguns indicadores históricos dos ímpetos do desejo de reforma e do rebuliço que agitava o país, movimentado pelos que clamavam por um Brasil novo e reconciliado com a modernidade". (DUTRA, 2000, p.236)

Durante a década de 1920, discutiu-se calorosamente sobre a identidade e os rumos da nação. Para a maioria dos autores daquela época, os principais responsáveis pela crise brasileira eram as oligarquias rurais retrógradas e decrépitas, que haviam se apoderado do Estado graças às debilidades do modelo de governo liberal-federalista introduzido pela Constituição de 1891, incapaz de resolver os problemas nacionais. É nesse contexto que Paulo Prado escreveu o livro *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira* (1928), onde ele se esforçaria por apontar os maiores problemas do Brasil.

Luxúria e cobiça: origens nefastas do povo brasileiro

De acordo com Paulo Prado, o "paraíso tropical" do Novo Mundo, a ardência do

clima e a sensualidade indígena potencializaram a libido e a conduta incontrolável e desregrada dos aventureiros e conquistadores, fazendo da concubinagem a regra geral.

> [O] clima, o homem livre na solidão, o índio sensual, encorajavam e multiplicavam as uniões de pura animalidade. [...] [O] ardor dos temperamentos, a amoralidade dos costumes, a ausência do pudor civilizado [...] eram um convite à vida solta e infrene em que tudo era permitido. (PRADO, 1997, pp. 73-4)

Segundo o autor, é dessa entrega à luxúria e à animalidade que teriam se originado nossa primitiva população mestiça, à qual se somou "a passividade infantil da negra africana", facilitando e desenvolvendo "*a superexcitação erótica em que vivia o conquistador*" (Idem, p.90). No conjunto dessas considerações a luxúria pode ser percebida como uma entrega incontrolável à paixão dos sentidos, resultante do poder avassalador da natureza, bem como sua submissão.

A escravidão é abordada como um fator de corrupção pessoal e social que teria deixado seus efeitos destrutivos na formação nacional através do relaxamento dos costumes, pois os "escravos eram terríveis elementos de corrupção no seio das famílias [...] [e] as negras e mulatas viviam na prática de todos os vícios" (Idem, p. 194). Paulo Prado não vê com bons olhos a mestiçagem, pois afirma que foi o desleixo social e a luxúria que aproximaram as "raças", mas não deixa de sublinhar sua preferência pela mescla do índio com o branco, na qual via algumas vantagens; segundo ele, comprovadas cientificamente. Também não falta à obra referências pouco elegantes em relação aos primeiros colonizadores, onde afirma, citando Capistrano de Abreu, que "moralmente já eram mestiços" e, por isso, se adaptaram facilmente à vida colonial.

Outra paixão que Paulo Prado qualifica prejudicial é a cobiça que teria sido provocada pela abundancia de minas de ouro, prata e pedras preciosas oferecida pela natureza. Nessa corrida pelo enriquecimento rápido ligado à fascinação pelas minas que invadiam o Brasil, e à cegueira do bandeirante que não pensou duas vezes em cometer crimes para a satisfação de ambições e paixões, o autor vê o país ser destruído e empobrecido pelo abandono da cultura, pela ausência de um fim moral ou religioso, frente à compulsiva entrega ao que o próprio autor classifica como "um sonho enganador e fugidio" (Idem, p. 129). Está presente a ideia que o país foi violentamente agredido. Matas, montanhas, campos, todos feridos, retalhados e escavados para se conseguir ouro. O nosso chão se cobriu de sangue humano e o homem cresceu, com dinamismo e um poder diabólico de destruir. Dessa fúria foi nascendo esta civilização, amassada no sangue e

na lama da terra.

Da entrega a essas duas paixões, a do corpo e a da fortuna, ou, segundo as palavras de Paulo Prado, desses "dois sentimentos tirânicos: sensualismo e paixão do ouro" (Idem, p. 190), o que resta nada mais é que um povo esgotado, pelo vício sexual e pela cobiça voraz.

Relações entre romantismo e tristeza

O brasileiro é descrito, como uma "raça" marcada pelo cansaço físico, principalmente no que diz respeito às funções vitais, e pela moléstia no seu universo moral, como a inteligência, os sentimentos e os valores. A perda de toda esta energia, somada à tamanha desordem psíquica, fez instalar-se no brasileiro um estado de enfermidade: uma "raça" triste e melancólica porque a experiência da colonização foi marcada por paixões insaciáveis e a ausência de sentimentos morais, alimentando o crescimento dessa mesma melancolia.

Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964)

Essa tristeza, que se estenderia por todo o país, teve o auxílio do romantismo ou do "mal romântico", que segundo Paulo Prado, era uma doença que fazia com que o organismo nacional ficasse precocemente depauperado. O Romantismo, com seu lirismo, suas alusões ao amor, suas belas palavras de entusiasmo ingênuo, e certo messianismo, manifestou em várias gerações de intelectuais brasileiros um "desvio de inteligência"; já que no entender do autor, tanto os inconfidentes, quanto os líderes da revolução de 1817 e também o próprio D. Pedro I, foram homens públicos com soluções políticas ingênuas, ilusões artificiosas e pensamentos distantes da realidade. Daí ter sido o Romantismo um criador de tristezas, um catalisador de sentimentos melancólicos, um desorganizador da vontade e, por isso mesmo, um estimulador do mecanismo de fuga da realidade. O resultado é a dor, a angústia, a melancolia e a tristeza: essas seriam as características mais marcantes do povo brasileiro.

Martínez Estrada e sua *Radiografía de la Pampa*

O autor e o contexto da obra

Nascido na província de Santa Fe, Ezequiel Martínez Estrada foi um escritor, poeta, ensaísta, crítico literário e biógrafo argentino. Recebeu duas vezes o Prêmio Nacional de Literatura em 1933 por sua obra poética e em 1937 pelo ensaio *Radiografía de la Pampa*. Em 1930, o general José Félix Uriburu havia liderado um golpe de Estado que derrubou o presidente radical (UCR) Hipólito Yrigoyen, sendo sucedido em 1932 por Agustín Pedro Justo. Durante a chamada "década infame" recrudesceram as discussões sobre a relação entre arte, literatura, sociedade e intelectualidade e Martínez Estrada, de poeta, volta-se para o ensaio.

A grave situação política, econômica e social daqueles anos logicamente incidiu na produção literária argentina e datam dessa década vários ensaios de interpretação nacional que a partir dos mais variados referenciais teóricos se propuseram a discutir a realidade argentina, sua situação econômica, social, política e mesmo a "moral" de seus habitantes. Para a maioria dos autores do período, a década de 1930

representa uma encruzilhada histórica, um momento de se repensar o modo de vida nacional e as ideologias que o justificavam. É nesse contexto que é publicado, em 1933, *Radiografía de la Pampa*; uma espécie de ensaio sociológico-psicológico-histórico sobre a realidade nacional argentina, onde "Estrada se propone a analizar [...] la estructura profunda latente bajo la superficie de la historia argentina, para revelar cómo, tras la apariencia de una nación culta y moderna, pervive un modelo arcaico de tipo colonial" (MAILHE, 2007, p. 268).

Dois pecados de origem em uma geografia fatídica

Martínez Estrada também se volta para a formação nacional para tentar entender o presente argentino. Para ele, pela forma mesma como se deu a constituição do país, a Argentina estaria impossibilitada de superar as nódoas de sua fundação. A primeira teria sido o fato de que a cultura americana seria uma espécie de pálido reflexo da cultura europeia e, portanto, não-original, não criativa, degradada. A segunda teria sido a mestiçagem, cultural e étnica. Esses dois pecados influenciaram âmbitos tão diversos como o amor, a fé e o idioma. De acordo com o autor, o "amor" das relações entre colonizadores e nativas humilhava a mulher, não sendo um amor verdadeiro, já que os homens que chegavam a essa terra não traziam amor, "ni lo encontraban aunque el fuego encendido en sus carnes flageladas los iluminara efímeramente en el gran resplandor de una pasión sin control; y sus hijos quedaban junto a otros hijos trabajando en plasmar una realidad fría y sin forma" (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p. 128). A fé cristã, transplantada, adaptada segundo as crenças dos nativos e, por isso mesmo, aviltada e necessariamente mal-compreendida "[n]o encontró asilo en las almas" (Idem, p. 132). Com respeito ao idioma castelhano trasladado da Península Ibérica e finalmente adotado em larga escala no Vice-reinado do Rio da Prata, ele também possui uma visão pouco positiva.

> [Un] idioma no se adapta sino bajo condiciones defectibles, ni sirve como verdadero lenguaje de un alma fuera de su paisaje y de su estirpe. Las palabras traídas por el conquistador no correspondían a la realidad americana; el despropósito que se advierte palmario en la nomenclatura de animales y plantas autóctonas según las formas aproximadas de Europa, tiene su correlativo en los sentimientos y los conceptos (Idem, p. 137).

O autor considera que todos esses processos de mestiçagem cultural, sentimental e linguístico inviabilizariam a possibilidade de se fazer com que entre os argentinos se desenvolvesse uma moral característica da modernidade, na qual se destacassem a valorização do trabalho e do conhecimento.

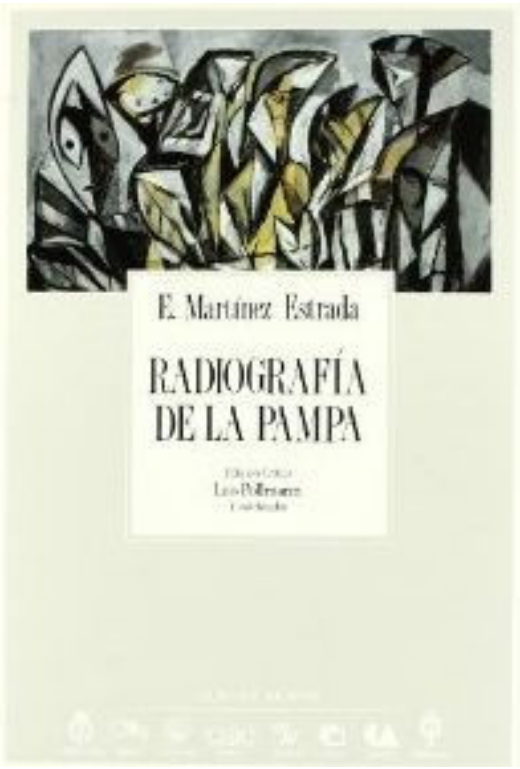
O cenário desses dois pecados de origem, a Pampa, seria uma terra cujas próprias características topográficas engendrariam forças telúricas que inspirariam negativamente seus habitantes, entorpecendo-os com seus próprios atributos: grandes distâncias, imensidão, monotonia, dispersão, solidão. Nesse sentido, o vazio físico da *llanura pampeana* se transformava no vazio da alma de seus habitantes. "Tiene el hombre de la pampa una concepción restringida del mundo, y está cautivo en los límites de esa concepción, en la jaula de su horizonte" (Idem, p.97). Uma geografia fatídica, portanto, expressa em uma equação na qual a dimensão e a monotonia do território, somadas à distância e à solidão, resultariam em uma inevitável *tristeza*.

Ademais, a própria ocupação de tão desditoso território também teria se dado de maneira equivocada, pois

engendrou uma nefasta concentração em Buenos Aires de recursos materiais e humanos. Para o autor, a riqueza e o esplendor da capital eram a desertificação e a pobreza do interior.

> El crecimiento monstruoso de Buenos Aires, desde que se constituyó en sede y espejo de la República, ha colocado al interior en una dependencia de signo menos con respecto a su adelanto. Cada rascacielos que se alza en la planta central de la metrópoli hace más pobre, más ignorante, más improductivo el pedazo de tierra alejado en las provincias y da al desierto fiscal de los diez territorios, que son los baldíos de la metrópoli, aspectos de solitaria lejanía. (MARTÍNEZ ESTRADA, 1991, p.127)

Aliás, na capital seriam mais bem observáveis as características da pampa que haviam sido transferidas aos seus habitantes e que marcariam o *ser argentino* em geral e o *ser porteño* em particular.



Solidão e tristeza nas manifestações populares

Por concentrar a maior parte da população, Buenos Aires concentraria também as características negativas que, emanadas da pampa, impregnariam a psique do povo argentino. Dessas características, as que mais se destacam são a tristeza e a solidão, presentes nas principais manifestações populares, artísticas e culturais.

Manifestações principalmente noturnas – outra metáfora para a tristeza e a solidão? –, se bem que para Martínez Estrada Buenos Aires "no tiene noche, sino la que le llega desde la inmensa pampa [...] taciturna, concentrada, lóbrega" (Idem, p. 160). No entender do autor, o principal ritmo musical argentino, o tango, a música noturna dos cabarés, tem o efeito de entristecer

> estos lugares de diversión [...]. Quizá ninguna música se preste como el tango a la ensoñación. Entra y se posesiona de todo el ser como un narcótico. Es posible, a su compás, detener el pensamiento y dejar flotar el alma en el cuerpo, como la niebla en la llanura. Los movimientos no requieren ser producidos, nacen automáticos de esa música, que ya se lleva en lo interior. La voluntad, como la figura de los objetos, queda desvanecida en esa niebla, y el alma es una llanura en paz. Muy vagamente, la mujer acompaña al bailarín en un deslizamiento casi inarticulado. Es el encanto de esse baile, en su sentido sentimental: la obliteración de la voluntad, un estado en que sólo quedan despiertos los entidos profundos de la vida vegetativa y sensitiva. Propicio al estado de ánimo del crepúsculo en los prados, a la vaga tristeza que se presume en los ojos del animal satisfecho. (Idem, pp.162-4).

Até mesmo o carnaval, festa popular tradicionalmente associada à alegria, em sua encarnação argentina levaria inapelavelmente traços de tristeza e desolação.

> *Nuestro carnaval no tiene canciones, tiene insultos. No se juega ya con*

> *pomos perfumados ni con flores; no salen las rondallas ni se conciertan bodas en los bailes; la serpentina que se tira lleva, en su oferta risueña, la puntería de la pedrada. Es grotesco y serio, ofensivo y lúbrico con toda la tristeza de lo que se quiso y no se pudo tener* (Idem, p. 167).

Em suma, todos os elementos analisados confeririam ao povo argentino seus principais atributos: distância, solidão, anomia e, principalmente, tristeza.

Considerações finais

Nas primeiras décadas do século XX, vários autores latino-americanos se dedicaram ao ensaio de interpretação sobre a realidade nacional e as possibilidades que se abriam ou se fechavam para o futuro de suas nações.

A obra *Retrato do Brasil* pode ser lida como a manifestação de uma ambigüidade que, de certa forma, coexiste em diferentes vertentes modernistas, ou seja, a busca da modernidade através da identidade, respaldada pela tradição e pelos costumes nacionais. *Retrato do Brasil* é uma amostra amarga dessas inquietações intelectuais típicas de intelectuais de países latino-americanos no começo do século XX, com juízos nada favoráveis ao Brasil e aos brasileiros. (DINIZ, 2004). Para além dos pressupostos teóricos e das intenções do autor, como a afeição a teses racialistas e a um certo determinismo geográfico, pensamos que Paulo Prado é um interessante contraponto àqueles tradicionais pilares que geralmente são apontados como elementos da *brasilidade*, ou seja, a amabilidade, a alegria de viver, o sorriso etc. O autor oferece uma outra visão do povo brasileiro: triste, mórbido, amargo e errante; fruto da mestiçagem, do clima e da maneira como se deu a conquista e ocupação do território.

Por outro lado, *Radiografía de la Pampa* pode ser entendido como uma leitura em termos psicanalíticos do passado nacional argentino na busca dos traumas originários que acarretaram o atraso e a falta de coesão da nação. Para Martínez Estrada, essa falta de coesão se devia ao transplante dos conquistadores espanhóis para o continente americano e suas relações nada admiráveis com as índias nativas que acabaram por dar origem a um povo mestiço e carente de uma verdadeira identidade. Antes que coesos, os argentinos seriam um monte de indivíduos "aglutinados". Contudo, como afirma Alejandra Mailhe, apesar do esforço de Martínez Estrada por realizar uma exegese psicossocial e culturalista

> *es todavia más fuerte la gravitación del racialismo e incluso de las determinaciones del medio, heredadas de entresiglos. [...] Estrada insiste en postular la existencia de "invariantes históricos" que su interpretación revela como fondo por encima de la coyuntura temporal. Su ontología subraya una suerte de esencialismo antiesencial, dado que los invariantes descubren en vacío transhistórico que anida en diversos planos de la realidad, bajo la superficie, y que resulta insuperable* (MAILHE, 2007, pp. 276-7).

Sem embargo, em ensaios posteriores a posição de Martínez Estrada irá se deslocar para a esquerda, denunciando a dependência econômica e política comum aos países da América Latina.

É interessante notar as relações que Paulo Prado teve com o modernismo estético na vertente nacionalista e progressista de Oswald de Andrade e Mário de Andrade; já que também Martínez Estrada também esteve relativamente próximo das vanguardas estéticas argentinas. Por isso, chega a ser paradoxal o fato de ambos terem ficado presos à tradição ensaística do século XIX, repetindo acriticamente

tópicos e ideologemas do passado.

Tanto Paulo Prado como Martínez Estrada, lêem o passado a partir de certos pecados de origem que determinariam, em grande medida, o futuro de seus países. Assim, como Paulo Prado, Martínez Estrada também quer superar essas raízes do passado, responsáveis pelo "lamentável" presente. Os ensaios dos dois autores estão atravessados pelas tensões existentes entre mestiçagem e essencialização da cultura, etnocentrismo e relativismo, racialismo e culturalismo. Isso nos leva a refletir sobre a afirmação de Adrián Gorelik, que sustenta que os ensaios de interpretação nacional devem ser encarados "*más que como clave de interpretación, como fuente de representaciones*" (GORELIK, 2001, p. 283).

Por fim, uma consideração a se ter em mente e que não deixa de ser um interessante contraponto entre os dois autores é o fato de que as considerações de Paulo Prado não se colaram ao imaginário nacional brasileiro, ao contrário das de Martínez Estrada sobre o imaginário e a auto-engajem argentina. Na verdade, os qualificativos que Martínez Estrada atribui aos argentinos foram tomados como elementos da auto-engajem não só argentina, mas também uruguaia. Em outras palavras, o *ser rioplatense* de Martínez Estrada se parece mais com a auto-engajem que os *rioplatenses* possuem de si mesmos que o *ser brasileiro* de Paulo Prado com a auto-engajem que os brasileiros possuem de si mesmos. Também para essas auto-imagines *rioplantenses* e brasileiras poderíamos nos perguntar: em que medida elas correspondem à realidade e em que medida são representações mais ou menos distorcidas e estereotipadas que os indivíduos fazem sobre si mesmos? Questão que continua animando debates não apenas na esfera da academia e para a qual talvez nunca se chegue a uma resposta satisfatória.

Referências

DINIZ, Cláudio Lúcio de Carvalho. *Tristeza Tupiniquim: a melancolia brasileira no retrato do Brasil de Paulo Prado.* Comunicação apresentada no I Encontro Memorial do ICHS, na UFOP. Disponível em <www.ichs.ufop.br/memorial/trab/h9_4.doc>. Acesso em 12/07/2010.

DUTRA, Eliana de Freitas. O Não ser e o ser outro. Paulo Prado e seu retrato do Brasil. In: *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n°26, 2000.

GAGGIOTTI, Hugo. La pampa rioplatense española: Un espacio para el fracaso. In: R*evista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.* Barcelona, nº 17, 1998.

GORELIK, Adrián. Mapas de identidad. La imaginación territorial en el ensayo de interpretación nacional . In: *Prismas. Revista de historia intelectual.* Bernal: UNQ, n° 5, 2001.

MAILHE, Alejandra. Entre la exhuberancia y el vacío. Identidad nacional y alteridad en tres ensayistas latinoamericanos: Gilberto Freyre, Fernando Ortiz y Ezequiel Martínez Estrada. In: DALMARONI, M. & CHICOTE, G. (comps.). *El vendaval de lo nuevo.* Rosario: Viterbo, 2007.

MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Radiografía de la Pampa*. Madrid: Nova, 1991.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil:* Ensaio *sobre a tristeza brasileira*. São Paulo, Cia das Letras, 1997.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.